



**O extermínio da flor ou o autoritarismo como deflagrador da violência em “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, de Conceição Evaristo.**

The extermination of the flower or the authoritarianism as a trigger of violence in “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” [“Zaíta forgot to put her toys away”], by Conceição Evaristo.

Larissa Ferreira Prudêncio Trovalin<sup>1</sup>  
Sérgio da Fonseca Amaral<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo pretende realizar uma reflexão acerca de como o autoritarismo promove a violência, mostrando a sua face, quiçá, mais vil, a saber, contra a infância, aqui analisada no conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” de Conceição Evaristo. Nesse conto, a protagonista, Zaíta, sofre diretamente as consequências letais da hostilidade historicamente construída pelas elites brasileiras contra o negro/pobre.

**Palavras-Chave:** Violência. Autoritarismo. Infância. Conceição Evaristo.

**ABSTRACT:** This article intends to make a reflection on how the authoritarianism promotes violence, showing its face, perhaps, even more vile, against childhood, analysing the short story “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” [“Zaíta forgot to put her toys away”], by Conceição Evaristo. In this tale, the protagonist, Zaíta, suffers the lethal consequences of the hostility historically built by Brazilian elites against black / poor people.

**Keywords:** Violence. Authoritarianism. Childhood. Conceição Evaristo

*“Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo.”*

*Carolina Maria de Jesus*

### **Autoritarismo e violência**

O que é a violência? Segundo Zaluar, “Essa palavra tem origem no latim *violentia*. Sua raiz, *vis*, indica força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo para exercer a sua força vital” (1999, p. 30). Portanto, etimologicamente, o termo seria polifônico segundo a autora. Quando a “força vital ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica, seria violência” (1999, p. 30). O sofrimento provocado em outro, perturbando seu limite, caracterizaria um ato violento. A violência manifesta-se de múltiplas formas, por isso tende a criar um caráter refratário, visível ou invisível, a determinados atos ou

<sup>1</sup> Larissa Ferreira Prudêncio Trovalin é mestrandanda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bolsista da CAPES.

<sup>2</sup> Sérgio da Fonseca Amaral é doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Professor Titular de Literatura Brasileira e de Estudos Literários do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

ideias em quem a sofre. Um dos modos de instituição da violência no Brasil se deu através da escravização de pessoas: era a força bruta de uma minoria autoritária, violando a vida daqueles que se viram, de uma hora para outra, à mercê de poderes constituídos em terras longínquas por homens voltados, única e exclusivamente, para a acumulação de bens e propriedades. Para Ginzburg “as práticas autoritárias, associadas à violência e ao reforço das desigualdades sociais, são matéria básica de nossa constituição social” (2012, p. 227). Para o autor, autoritarismo seria uma caracterização do regime político em que existe um controle da sociedade por parte do Estado, que manipula as formas de participação política e restringe a possibilidade de mobilização social (2012, p. 228).

As práticas autoritárias permanecem fortalecidas, paradoxalmente, em democracias e são exercidas nos âmbitos públicos e privados cotidianamente em todas as relações sociais, configurando os “microdespotismos”. Segundo Pinheiro:

Para se compreender os percursos através dos quais o autoritarismo socialmente implantado é engendrado – desde aquelas longínquas origens históricas – e se reproduz, é essencial reconstituir a rede de microdespotismos nos mais variados contextos sociais: violência familiar, discriminação racial, violência contra a mulher e a criança, justiceiros, linchamentos (1991, p. 55-56).

O sistema escravocrata no Brasil foi arditamente implantado e criou raízes profundas em nossa história. Sob a proteção das leis, criadas pela elite vigente dos séculos XVI ao XIX, praticou-se a abundância de direitos para uns e a total escassez de direito para outros. Como expõe Schwarcz, “até mesmo a população mais pobre possuía cativos” (2019, p. 27). A escravização de pessoas como base de nossa sociedade introjetou desigualdades sociais e preconceitos raciais, estabelecendo e definindo as relações de senhorio e subalternidade. Por estas bandas verde-amarelas todos sabem que, como canta Caetano Veloso, em “Haiti”, (1993), “pobres são como podres e todos sabem como se tratam os pretos.”

O sistema que perpetuou por tanto tempo uma relação de propriedade de uma pessoa pela outra gerou a sociedade brasileira violenta que temos hoje. A desigualdade estrutural perpetrada na nossa origem colonial continua viva e pulsante na realidade do nosso povo, lamentavelmente.

### **Zaíta e a violência contra a criança**

Conceição Evaristo, uma das mais influentes vozes da literatura brasileira contemporânea, nasceu em uma favela no Rio de Janeiro, e, por meio de sua “escrivência”, ou da escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo, tem dado voz também àqueles que foram e são historicamente silenciados. Seus personagens trazem em si as marcas das violências do dia a dia e nos falam sobre discriminação racial, de gênero e de classe. Em seu livro de contos **Olhos d’água**, publicado em 2016, a autora passeia pelas vidas de homens, mulheres e crianças, que, em comum, partilham a dor de serem alvos de uma sociedade elitista que já os esqueceu, ou deseja esquecê-los.

Dentre os contos, nossa reflexão se dará em torno de um, especificamente, que é “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, conto breve e pungente que faz emergir discussões acerca de como a violência estrutural resvala na parte mais frágil da sociedade: as crianças. Nesse caso, uma menina, negra e pobre/favelada, acumuladora, portanto, de várias camadas de estigmas e preconceitos.

A narrativa do conto se inicia com Zaíta espalhando figurinhas no chão e, olhando para cada uma delas, sente falta de uma que lhe era a mais estimada e com a qual mantinha um forte vínculo afetivo: a figurinha de uma garota segurando uma braçada de flores. O texto nos informa que a figura “parecia” (2016, p. 71) exalar um doce perfume. A menina a chamava de figurinha-flor.

Zaíta tinha uma irmã gêmea, Naíta, um irmão mais velho, que estava no Exército, e o irmão do meio, que, como saberemos no decorrer da história, possuía envolvimento com o crime, liderando um dos grupos da favela em que moravam. Os quatro eram filhos de Benícia, trinta e quatro anos de idade e de cansaço. Trabalhava durante a semana e, para o sustento da família, pretendia trabalhar também aos fins de semana. As meninas eram filhas de um pai e os meninos de outro, porém, ela criava todos os quatro filhos sozinha. Não há menção da participação paterna na vida dos filhos. Se Benícia parasse de trabalhar “a fome viria mais rápida e mais voraz ainda” (EVARISTO, 2016, p. 75).

Schwarcz nos informa que, no Brasil, em seu “passado” escravocrata, “escravizados e escravizadas enfrentavam jornadas de trabalho de até dezoito horas, recebiam apenas uma muda de roupa por ano, acostumavam-se com comida e água pouca e nenhuma posse” (2019, p. 28). Situação muito semelhante a que a população de periferia é submetida hoje, como Benícia, uma escravizada em potencial pelo sistema. Contudo, apesar da imensa desigualdade em nosso país, com possibilidades ínfimas de mobilidade na pirâmide social, nos revestimos de um verniz de cordialidade e tentamos nos convencer como nação de que somos uma sociedade pacífica e amigável, despida de preconceitos, em um esforço para apagar ou escamotear as manchas de sangue dos escravizados que tingiram nossa história. Sangue esse que ainda hoje tinge as páginas das histórias de tantos brasileiros. Para Marilena Chauí,

muitos indagarão como o mito da não violência brasileira pode persistir sob o impacto da violência real, cotidiana, conhecida de todos e que, nos últimos tempos, é também ampliada por sua divulgação e difusão pelos meios de comunicação em massa. Ora, é justamente por ser um mito que a não violência pode ser mantida a despeito da realidade. Em outras palavras. O mito da não violência permanece porque, graças a ele, admite-se a existência factual da violência e pode-se, ao mesmo tempo, fabricar explicações para denegá-las no instante mesmo em que é admitida. Assim, é exatamente no modo de interpretação brasileira da violência que o mito encontra meios para conservar-se. (2017, p. 38).

Antônio Cândido, em um ensaio publicado em 1979, intitulado “Censura e violência” aponta para a íntima relação entre o autoritarismo e a violência social no Brasil e, assim como Chauí, refuta o pensamento corrente de um Brasil idílico, pacífico e cordial. A partir dos estudos de Guillermo O’Donnell, Emilio Deltasoppa, também citado por Cândido no ensaio, conclui:

Para O'Donnell a violência aparece no tecido da sociedade brasileira com características protopolíticas, expressão multifacetada de uma ordem imposta nas favelas, na pobreza, no desemprego, na inexistência ou descumprimento de direitos trabalhistas. (1991, p. 81).

Ou seja, pela citação acima podemos deduzir que a herança escravocrata mantém firmemente a lógica da superexploração. No conto, vemos a mãe exausta de tanto trabalhar e entramos em contato com o irmão de Zaíta envolvido com o crime por querer uma vida diferente dos exemplos que via ao seu redor, pessoas que trabalhavam e só “acumulavam miséria no dia a dia” (EVARISTO, 2016, p. 73). Essas vidas invisíveis socialmente são expostas à violência diária do esquecimento e apenas sobrevivem, não tendo oportunidades concretas de romper o ciclo da pobreza. A violência já está tão naturalizada nas mentes que as desigualdades salariais e as explorações do trabalho infantil, por exemplo, são aceitas sem espanto. Chauí (2017 p. 47) nos adverte que o termo periferia se aplica tanto no sentido espacial-geográfico quanto também no social, referindo-se a locais sem serviços básicos como água e luz, por exemplo. Para fazer referência à obra de Carolina Maria de Jesus, a periferia é o “quarto de despejo da sociedade” e as pessoas que vivem na periferia são tratadas como detritos, inclusive as crianças, que são vistas como protótipos de criminosos. Para Schwarcz, sobre o racismo brasileiro:

O Brasil produziu uma nação que naturaliza a desigualdade racial, na figura das empregadas domésticas, dos trabalhadores manuais, da ausência de negros nos ambientes corporativos e empresariais, nos teatros, nas salas de concerto, nos clubes e nas áreas sociais... criamos uma nação profundamente desigual e racista, cujos altos índices de violência não pararam no tempo da escravidão. Eles têm sido reescritos na ordem do tempo contemporâneo, que mostra como o racismo ainda se agarra a uma ideologia cujo propósito é garantir a manutenção de privilégios, aprofundando a distância social. (2019, p. 35).

Enquanto sai pelos becos à procura da irmã, que crê, está com a figurinha, Zaíta tenta trazer à memória como “o desenho da menina-flor tinha nascido em sua coleção” (EVARISTO, 2016, p. 74), mas, por mais que se esforçasse, não conseguia lembrar-se de como a figura havia se tornado sua. Como em um sonho, ela a teve em suas mãos, e, como pó, a figurinha desfez-se, desaparecendo para sempre, já que a irmã, Naíta, não se lembrava em que lugar havia guardado a flor-quimera.

Conceição Evaristo evoca a imagem de uma figurinha-flor, símbolo de pureza e afeto, para nos conduzir ao seu avesso: à vida real, áspera e violenta. A menina Zaíta precisa da figurinha porque é o seu único contato com a beleza. A figurinha-simulacro até “parece” exalar um doce perfume, como uma flor verdadeira. A irmã, Naíta, também sonha com a figurinha e tenta fazer trocas com Zaíta para tê-la para si. Em uma ocasião ofereceu para Zaíta “aquela boneca negra, a que só faltava um braço e que era tão bonita” (EVARISTO, 2016, p. 72). No decorrer da narrativa, quando Zaíta saiu em busca da irmã, por acreditar que ela estava em posse de sua figurinha, ela esqueceu os brinquedos espalhados pelo chão, inclusive “a linda boneca negra, com seu único braço aberto que parecia sorrir desamparadamente feliz” (EVARISTO, 2016, p. 72). Benícia, ao encontrar os brinquedos, em um momento de ira, “apanhou a boneca

negra, a mais bonitinha, a que faltava só um braço, e arrancou o outro, depois a cabeça e as pernas. Em poucos minutos, a boneca estava destruída; cabelos arrancados e olhos vazados” (EVARISTO, 2016, p. 75). Essa cena tétrica, marcada por um amargor, caracterizada por uma adulta, é o oposto da anterior em que foca a felicidade e o afeto idealizados pela inocência de uma infância submetida a circunstâncias socioeconômicas perversas. No contexto da favela, sob o domínio de práticas autoritárias e violentas, a pobreza revela suas garras mais impiedosas na imagem da boneca-refugio mutilada, pertencente a quem também é considerada escória: a menina. A boneca é a personificação, naquele momento, de Zaíta, e a destruição do brinquedo é o prenúncio da morte da personagem, que teria sua vida ceifada de maneira trágica, como é revelado a seguir.

A mãe, Benícia, enfurecida ao encontrar os brinquedos das meninas esquecidos pelo chão, agride as filhas em um ato talvez desesperado, fruto de sua luta extenuante pela sobrevivência de cada dia. A miséria, sempre à espreita, desenhou nessa família um encadeamento de violências. As personagens são destituídas de direitos, abandonadas à própria sorte e flutuam à deriva na sociedade. No microcosmo da casa e da favela, Benícia e o filho traficante são concomitantemente agentes e vítimas da violência. Por sofrerem o desemprego social e político, devolvem a agressão aos familiares, aos grupos envolvidos com o tráfico e à sociedade, como um todo. Como expõe Chauí,

toda a prática e toda a ideia que reduza um sujeito à condição de coisa, que viole interior e exteriormente o ser de alguém, que perpetue relações sociais de profunda desigualdade econômica, social e cultural, isto é, de ausência de direitos, é violência” (2017, p. 38).

A violência produzida pela desigualdade social se ramifica e capilariza de tal modo entre os indivíduos que se torna uma espécie de nossa “segunda natureza”, submetendo todos a ações agressivas, sobretudo para quem convive mais proximamente e, por isso, não é a toa que a família é o núcleo catalisador de violências de muitas espécies e recorrentes. Desse modo, ameaçada no interior da família pela ira da mãe, Naíta, preocupada com a irmã que não estava em casa, desesperou-se e saiu para procurá-la, já aflita também pela destruição da bonequinha negra e do sumiço da figura-flor. A menina havia retirado a figurinha de debaixo do travesseiro de Zaíta porque desejava sentir o perfume-sonho, que, todavia, não existia mais. Paralelamente, a ameaça interna, as meninas serem surradas pela mãe, se complementa com a externa na figura do irmão que era membro ativo do tráfico. Desse modo, percebe-se uma relação – mãe extenuada, crianças desamparadas, irmão traficante, trabalho braçal mal remunerado, condições paupérrimas de sobrevivência, criminalização e militarização dos habitantes das favelas, agenciamento do tráfico de drogas e de armas pela disputa e controle sócio-político-econômicos do Estado ou parte dele – em que se encena uma violência maior que é a do poder dominante do país, extremamente violento. As vítimas são as de sempre, encarnada na personagem Zaíta: a fragilidade na forma de criança.

Por consequência, os tiroteios na favela, assinala a narrativa, aconteciam frequentemente, a qualquer momento. Eram fruto do enfrentamento de grupos rivais,

como também com a polícia que invadia o local. Assim concordamos com Chauí quando afirma que:

Micropoderes despóticos capilarizam em toda a sociedade a violência, que, partindo da e na família, se espalha para a escola, o hospital, as relações de trabalho, os meios de comunicação, o comportamento social nas ruas, o tratamento dado aos cidadãos pela burocracia estatal e vem cristalizar-se nas instituições públicas e no desprezo do mercado pelos direitos do consumidor. A violência policial é apenas mais um caso do despotismo que estrutura toda a sociedade, ou seja, não é uma exceção escandalosa e sim faz parte da sociedade brasileira. (2017, p.41).

O irmão de Zaíta, que almejava o domínio da área que cercava sua casa, já havia alcançado uma posição de poder e liderava o grupo mais armado do tráfico. Em um enfrentamento com os grupos rivais ou com a polícia, a narrativa não deixa claro, o barulho das balas e o das brincadeiras infantis fundiam-se. Morte e vida. Balas que adocicavam a boca e as que “dissolviam a vida” (EVARISTO, 2017, p. 76).

Zaíta parecia seguir pela favela em sua busca incessante pela figurinha-flor, indiferente ao tiroteio. Familiarizada com a violência e movida pela esperança de rever a figurinha, seguiu sua travessia pelos labirintos da favela. Uma criança, ao fechar a janela durante os tiros, tentou avisar à menina para que ela entrasse rapidamente em algum barraco, porém, Zaíta só tinha os pensamentos na figura-flor, sua redenção derradeira. A menina seguia sua caminhada imaginando quando sentiria o perfume inebriante da flor e não notou a dureza da vida a atravessar-lhe o frágil corpo.

Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí a um minuto, tudo acabou. Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão (EVARISTO, 2017, p. 76).

Naíta, atônita, em sua busca pela irmã, quando a viu e entendeu, gritou: “Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos!” em uma referência direta à fala de mãe que precedia a punição pelo mal feito de não guardar os brinquedos quando os espalhava pela casa. Assim como a bela boneca negra fora punida por ter sido inconvenientemente esquecida em algum canto da casa, a bela menina negra teve sua vida arrancada por estar onde lhe era permitido. Qual seria, afinal, o lugar das Zaítas, em um país autoritário e violento como o nosso, que condena à morte, todos os dias, crianças negras e pobres?

## **BIBLIOGRAFIA**

CANDIDO, Antonio. Censura-violência. In: \_\_\_\_\_. **Recortes**.

São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CHAUÍ, Marilena. O mito da não violência brasileira. In: \_\_\_\_\_. **Sobre a violência**.

Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 29-50.

- EVARISTO, Conceição. Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos. In: \_\_\_\_\_. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016, p. 71-80.
- GIL, Gilberto; VELOSO, Caetano. **Tropicália 2**. São Paulo: Polygram, 1993. 1 CD.
- GINZBURG, Jaime. A violência constitutiva e a política do esquecimento. In: \_\_\_\_\_. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: Editora da USP; Fapesp, 2012, p. 217-238.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estratégias da ilusão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Escravidão e racismo. In: \_\_\_\_\_. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p.27-40.
- ZALUAR, Alba. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 13, n. 3, Jul./Set., 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-88391999000300002&script=sci\\_art-text](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-88391999000300002&script=sci_art-text)> Acesso em: 13 de janeiro de 2020.